

II Congresso Internacional, VII Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas: IV Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades: Direitos Humanos e Políticas Públicas que ocorrerão nos dias 17, 18, 19 e 20 de setembro de 2018 na Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes, campus Goiabeiras.

GT2 – Africanidades e Brasilidades em Educação étnico-raciais

Do rio Jequitinhonha a Beira Mar: As folias de Reisado em Itagimirim Bahia como proposta de ensino de história e das relações étnicos raciais. 1889 -1960

Jairo Viana de Castro¹

Resumo

Este trabalho analisa o Reisado de Itagimirim-Bahia a partir das identidades interagidas no extremo sul baiano, um estudo da história cultural, território onde foram desdobrados novos signos de identidades: indígenas, negras e migrantes que através das folias de Reisado convergiram em estratégia, defesa e luta. Povos que em sua maioria são agricultores e tiveram que movimentar dentro dos seus territórios de identidades em nome de um sistema econômico que subalternizou os conhecimentos dos grupos que transmitiam seus saberes e práticas pela oralidade, modos de vidas expressos no cantar, dançar, rezar e batucar que eram memorizados e compartilhados no decorrer de cada grupo geracional. Os tropeiros que eram: indígenas, negros e migrantes tinham no Reisado em louvor a Oxossi entidade das matas, rios, cachoeiras e guardião popular uma forma de expressar seus modos de vidas, e criar mecanismos de transmitir seus saberes e religião as novas gerações utilizando a musicalidade e religiosidade, em forma de dança e contradanças de fé, festa e festejos, em cada ponto de parada essas identidades vivas e latentes eram movimentadas. Através das cantorias e danças que tinham mensagem de estratégia, defesa e luta popular e cultural. No entoar de uma contradança, os foliões comunicam uma mensagem de luta e resistência; “Eu tano mais os meninos e os meninos tano mais eu, se haver revolução, nem os meninos corre, nem eu”; versos entoados por um Mestre de folia de Reisado nascido no ano de 1941, agricultor que também domina o saberes do manejo com animais, e de ervas naturais.

Palavras Chave: Reisado, identidade, Itagimirim

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Sul da Bahia -UFSB\BA. E-mail: castroviana.j@gmail.com

INTRODUÇÃO

Do povo tupinambá da serra do padeiro na região de Ilhéus-BA, aos Aimorés de Itagimirim-BA e Pataxós de Porto Seguro-BA, bem como os negros e migrantes utilizaram o cantar e dançar do Reisado como forma de comunicação e movimento de resistência, ocultada e silenciada, que caminhou e conseguiu sincronizar com a modernidade urbana, sendo ressignificada para tornar viva e latente, em cada ideia, corpo que se movimenta com seus batuques que se envolve nas rodas de contradanças.

Analisando o período colonial do século XVIII ao XIX e a dinâmica da capitania de Porto Seguro de projeto a processo de colonização reformista Cancela (2012) destaca que:

“Datado do início da década de 1760, o projeto reformista destinado à colonização do território porto-segurense se baseou tanto no movimento de secularização em curso na sociedade portuguesa, quanto no fortalecimento das práticas mercantilistas nos domínios coloniais. Ao tentar construir um modelo alternativo de administração para a antiga donatária, o reinado josefino transformou a capitania numa ouvidoria subordinada ao governo geral da Bahia e nomeou um magistrado régio para ministrar a justiça, instituindo mecanismos mais sofisticados de fiscalização e centralização do poder. Com vistas a integrar a região ao sistema colonial (...). Atuando no mundo do trabalho, seriam obrigados a abrir roças de mandiocas e a prestar serviços compulsórios aos colonos lusos brasileiros.”. (CANCELA, 2012. p 18).

O modelo mercantilista que subalternizou a população desse território utilizou os Rios, nesta pesquisa em destaque o Rio Jequitinhonha (No período colonial chamado Rio grande de Belmonte) como forma de escoamento das riquezas locais. O sistema de canoagem transportava os gêneros alimentícios e carregou além do poder econômico a cultura e movimento das folias de Reisado, pois o vale do Jequitinhonha é um território de Fronteira, que teve destacamentos militares: locais de paradas na rota fluvial de comércio e celeiros das folias de Reisado, os limites eram entre as Capitanias de Ilhéus e Minas Gerais.

Ao abrir canais de comunicações terrestres na capitania de Porto Seguro segundo Francisco Cancela (2012) os poderes econômicos da capitania; “(...) determinou sua transformação num pólo produtor de gêneros alimentícios para abastecer os principais centros urbanos da colônia, fomentando a dilatação da ocupação territorial, a expansão das atividades agrícolas e extrativistas e a construção de canais de comunicação terrestre com o Rio de Janeiro (...)”. Sendo assim fazendo surgir uma atividade chamada de tropeiros,

homens que percorria o vasto território brasileiro. Por dentro das matas e no lombo dos cavalos e asno levando os diversos produtos agrícolas, panos e sal, os tropeiros também foram determinais para o caminho cultural das folias de Reisado, em louvor a São Sebastião, suas comunicações e expressões de fé chegaram a lugares mais distantes como a capital do Rio de Janeiro.

Através das cantorias e dançar que tinham mensagem de estratégia, defesa e luta popular e cultural. No entoar de uma contradança, os foliões comunicam uma mensagem de luta e resistência; “Eu tano mais os meninos e os meninos tano mais eu, se haver revolução, nem os meninos corre, nem eu”; versos entoado por um Mestre de folia de Reisado nascido no ano de 1941, agricultor que também domina o saberes do manejo com animais, e de ervas naturais.

Os tropeiros eram: indígenas, negros e migrantes que tinha no Reisado em louvor a Oxossi entidade das matas, rios, cachoeiras e guardião popular uma forma de expressar seus modos de vidas, e criar mecanismos de transmitir seus saberes e religião as novas gerações utilizando a musicalidade e religiosidade, em forma de dança e contradanças de fé, festa e festejos, em cada ponto de parada essas identidades vivas e latentes eram movimentadas. Ao longo do século XX as migrações dos libertos vão se tornando mais frequentes à medida que se aprofundava a crise da produção de café. Segundo Hebe Mattos e Martha Abreu (2009) “A expansão da criação de gado foi uma alternativa econômica da região, mas manteve a terra com poucos proprietários e não ofereceu uma boa oferta de trabalho para os descendentes dos libertos”.

Sofrendo a pedagogia da cultura colonial, e as demandas econômicas do século XX os grupos étnicos, raciais e migrantes de sangue ascendente do vale do Jequitinhonha baiano foram, obrigado a movimenta dentro dessas localidades, sendo guardiões de seus costumes compartilhados coletivamente, estes povos mantiveram e preservaram através dos seus corpos e alma uma memória viva e presente no cultuar, nos rituais, modos de ser e viver, mesmo que ressignificadas tais identidades culturais ou lapidadas com saberes indígenas, negros e migrantes, esse “entre lugar” se tornou uma estratégia de coletividade uma nova ideia de sociedade neste extremo baiano, segundo Bhabha;

“O afastamento das singularidades de "classe" ou "gênero" como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual - que habitam qualquer pretensão a identidade no mundo moderno. O que é

teoricamente inovador e politicamente crucial e a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade.” (BHABHA, Pg 19-20. 1998)

As violências do acultramento aos povos da oralidade demarcavam as vilas e os aldeamentos forçados e caracterizados por trabalhos compulsórios, os costumes do colonizador tentavam ensinar os negros e indígenas a ser “civilizados”, mas por outro lado os ataques dos negros e Aimorés as fazendas e transporte de mercadoria na via fluvial que ligavam o mar de Belmonte as Minas Gerais, também ensinava o colonizador a ceder e negociar em algumas instâncias. Essa lógica também predominou no início da República brasileira no final do XVIII e início do século XX; Marcada por conflitos entre coronéis e população local no extremo sul baiano. Tais episódios vividos reforçavam as lutas de pertencimento dos grupos étnicos e raciais e migrantes deste território, criando laços familiares e círculos de amizades, Pollak (1989) evidência que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK. 1989 pg. 07)

O Reisado como arte viva e permanente um batuque musical e sociabilidade entre os foliões e guardiões populares da religiosidade, brincadeiras que foram ecoadas entre seus adeptos: crianças e idosos, uma ensinar e aprender os conhecimentos de vidas individuais e coletivas. Considerando as epistemologias locais para entender, as relações entre dança e o cotidiano das brincadeiras, as dinâmicas corporais na dança, Eloisa Domenici (2009) evidencia que, “assim como em outros presentes nas brincadeiras populares, a dança é um dos exercícios que produzem símbolos, tornando a comunicação do grupo mais especializada”.

As habilidades e competências de abstração, que são desenvolvidas corporalmente nos espaços não formais, em especial de cultura e memória dos ternos de folias de Reisado uma prática de transmissão conhecimentos, uma maneira de manter sempre preservados as identidades. A descrição de Petronilha Beatriz (2012), sobre o processo de ensinar e

aprender as relações étnicas raciais no Brasil é uma exuberante percepção e sensibilidade para o processo de formação de cidadãos nos espaços não formais:

Se atentarmos para experiências educativas entre povos indígenas, quilombolas e habitantes de outros territórios negros, veremos que não é somente com a inteligência que se tem acesso a conhecimentos. Que é com o corpo inteiro – o físico, a inteligência, os sentimentos, as emoções, a espiritualidade – que ensinamos e aprendemos que descobrimos o mundo. Corpos negros, brancos, indígenas, mestiços, doentes, sadios, gordos, magros, com deficiências, produzem conhecimentos distintos, todos igualmente humanos e, por isso, ricos em significados. Produzem também conhecimentos científicos, quando decidem realizar pesquisas deste cunho, que têm em conta as circunstâncias e suas condições de ser e viver (SILVA, 2012)

As folias de Reisado Itagimirense como integrante de espaço não formal de memória, presente e viva, e seus saberes se construiu em um movimento de arte na rua que usa cada passo e compasso, uma contradança dos corpos de batuques musicais do bumba, caixa (pequeno tambor) e bandeiro, uma sensibilidade mental e espiritual que direciona cada movimento de resistência e luta cultural, social e econômica, suas danças seus cantos ecoam em membros e lugares por onde passa fazendo surgir sentimentos corporais preservados pela memória, a identidade exala.

As apropriações dos conhecimentos dos povos subalternizados tornaram-se uma prática argumentativa colonial religiosa e republicana, filosófica e legalizou a inferioridade e estranhamento do outro, a partir de uma ecologia de saberes que criou um paralelo entre a oralidade e o letramento, além de abismos cartográficos subumanos, como descreve Boaventura de Sousa Santos (2007),

“(…) a mesma cartografia abissal e constitutiva do conhecimento moderno. mais uma vez, a zona colonial e, *par excellence*, o universo das crenças e dos comportamentos incompreensíveis que de forma alguma podem considerar- -se conhecimento, estando, por isso, para além do verdadeiro e do falso. o outro lado da linha alberga apenas praticas incompreensíveis, mágicas ou idolátricas. a completa estranheza de tais práticas conduziu à própria negação da natureza humana dos seus agentes. com base nas suas refinadas concepções de humanidade e de dignidade humana, os humanistas dos séculos XV e XVI chegaram a conclusão de que os selvagens eram sub-humanos.” (SANTOS, 2007, p 8).

As subtrações econômicas e tentativas de inculturação colonial e da república brasileira criaram conflitos rurais nos vastos territórios ocupados e retomados dos grupos

da oralidade, o povo que migrou para as zonas urbanas em busca de uma vida digna foi recebido pela incontroversa, miserabilidade, falta de emprego. A lógica de um grupo inferior contra o outro na mesma condição sem dignidade, porém suas alegrias nas brincadeiras, no cantar e dançar religioso que deram energias espirituais para movimentar tornando-se presente e sincretizando com a modernidade social que os aceitavam e rejeitavam.

Tomaremos o reisado em Itagimirim-BA para analisar e perceber nesta manifestação cultural um lugar de expressão de saberes, brincadeiras e demonstração de afirmações e lutas. Nesta perspectiva desdobraremos nos conceitos de cultura popular, identidade, memória e também poder colonial, colonialidade, que endossaram o trabalho.

O reisado pensado como cultura popular e cortejo de rua, caracteriza com os cortejos populares, desenvolvendo uma identidade brasileira a onde “é possível construir uma nova perspectiva da cultura popular ou tradicional a partir dos conflitos, intercâmbios e sincretismos com as chamadas culturas das elites, industriais, culturais e a modernidades” (ABREU, 2003, P.89).

O Estado português e seu projeto de dominação que predominou no período colonial e imperial brasileiro, não excluíram completamente os saberes culturais dos povos subjugados como negros e indígenas, forçando estes a trabalhos árduos, o cotidiano sendo vigiado e enculturado aos modos “civilizatórios” do colonizador, Neste sentido Edilece Couto afirma que:

No Brasil, durante a Colônia e o Império, fazia parte do projeto de evangelização consentir as danças e os cânticos indígenas e africanos durante as cerimônias religiosas do Catolicismo: O clero acreditava que a permissão para que os escravos fizessem os seus batuques e cantassem em suas próprias línguas nas proximidades das igrejas significava uma etapa para a evangelização. Afinal os colonizadores, muitas vezes, encaravam as manifestações apenas como divertimento de negros nostálgicos, estes por sua vez aproveitando as brechas das festas católicas para disfarçadamente cultuar os orixás. Apesar de não ser o propósito da Igreja Católica, as práticas indígenas e os cultos afro permaneceram e ganharam força impetuosa, esta que se manifestava através dos sentimentos ou da sua intensidade, em que os negros disfarçavam durante os festejos católicos. (COUTO, 2010)

Permitir o envolvimento dos negros nas práticas religiosas do colonizador representou para o poder colonial uma maneira de “enculturar” os saberes das memórias dos pretos, para Quijano (2005, p 118) “As novas identidades históricas produzidas sobre a

ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Assim, ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente (...). O poder colonial foi muito mais que força física, sua interação e práticas incidem entre a sociedade e pessoas que ocuparam lugares, ou seja, sujeitos, ações, estruturas todos esses aspectos estão em jogo de forças, dominava mentalmente uma teia social além das opressões.

Ao inferiorizar os saberes de povos que não manuseia o letramento constituiu uma maneira de criar abismo entre grupos sociais, estes abismos territoriais constituído em menor escala em um país onde as fronteiras de cada estado são pautadas por aqueles que buscam o conhecimento através da epistemologia, inferioriza os saberes que não consegue fazer um paralelo com as ciências, seja teológica ou filosófica, os direitos são caracterização a partir do manuseio desses instrumentos, em muitos caso os saberes menores desses grupos raciais, torna-se objeto, contudo este pensar identifica as tramas da teia do poder colonial na contemporaneidade.

Portando no jogo de poderes e saberes foram/serão pautados nas experiências de grupos e movimentos sociais que se tenciona na condição e lugar sociocultural. As reivindicações sociais não são o bastante para criar leis políticos culturais, mas fatores econômicos, onde as estatísticas são determinantes para criação de dispositivos políticos, muitas políticas públicas educacionais e culturais são direcionadas para divisão de classe.

Neste sentido a colonialidade desdobrou em desumanização dos povos populares e as políticas culturais e aparelhos estatais serviram como migalhas sociais que proporcionavam um lugar oculto e neste espaço estava presente os povos negros e indígenas, povos que já não eram mais nomeados pelos grupos étnico-raciais de origem. Segundo Bhabha (1998, p.107) “A construção do sujeito colonial no discurso, e o exercício do poder colonial através do discurso, exige uma articulação das formas da diferença – raciais e sexuais. Essa articulação torna-se crucial se considerarmos que o corpo, esta sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) exposto a julgamentos e identidades violentas”.

Entretanto é com o Reisado de Itagimirim-Ba e seus saberes da memória culturais de indígenas, pretos, e pretas, que pretendemos trilhar o documentário em processo sobre o movimento da manifestação afro-brasileira no território baiano do vale do Jequitinhonha, tornando visíveis as expressões de um povo que festeja em cortejo de rua, expressando sua arte ascendente dos povos africanos, que rememora com fundos religiosos seus modos de

vida. Portanto tais marcas identitárias são justificadas na dominação dos corpos, determinado os lugares que esses devam ocupar, a partir das diferenças ou saberes de comunidades tradicionais que são colocados como práticas inferiores, contudo as políticas culturais que conseguem ser implementadas nem sempre alcançar demandas locais, devido falta de ações e que tenha visibilidade e valor efetivo, aspectos que envolvem a estrutura de materialização na sociedade.

O governo de Getúlio Vargas percebeu a necessidade que o Estado brasileiro tinha para constituir uma identidade nacional, sendo assim a matriz dos povos afro-descendente não poderia ficar de fora, pois governo poderia vigiar e moldar os modos de vida e práticas culturais da população negra, que seria vista como harmoniosa. Mesmo deixando seduzir pelo governo os grupos culturais negros urbanos adquiriram espaços e direitos de praticar os seus saberes e valorizar suas memórias festivas com fundo de religioso no território brasileiro, mas a luta racial ainda deviria continuar. No livro uma história do negro no Brasil descreve:

A idéia de democracia racial, já em construção no Brasil por volta de 1920, ganhou nas décadas seguintes mais adeptos. Era na cultura que alguns políticos e intelectuais negros e brancos viam mais explicitamente a singularidade de um país mestiço, formado a partir de tradições herdadas de africanos, europeus e índios. Por isso, celebravam a convivência racial supostamente harmoniosa. Ao longo das décadas de 1930 e 1940 essas idéias de mestiçagem e de democracia racial foram entrelaçadas na construção de uma identidade nacional. Nesse movimento, samba, capoeira e candomblé foram aos poucos incorporados como símbolos de nacionalidade, expressões da síntese cultural própria ao Brasil. (Albuquerque e Fraga. Pg. 225)

Essa harmonia estava longe do que realmente significa a palavra, a matriz negra mesmo sendo aos poucos seduzida pelo estado novo de Getúlio Vargas sobre pressão dos acordos e tratados internacionais legitimava e caracterizar algumas praticas, dos grupos da oralidade, ao modelo civilizatória e cultural das elites, os vários espaços que transitavam, porém à medida que os batuques dos tambores vibravam o movimento dos corpos correspondia, as memórias latejavam seus saberes e vivências deixam de ser invisíveis.

Nascida a partir das memórias originarias da África, principalmente os cortejos aos reis negros, não uma forma importada, mas uma reconfiguração "nas Áfricas no exílio, um instrumento de reconstrução do mundo para seus foliões e adeptos, um instrumento mágico

que faz chover ou que espanta as pragas, um instrumento filosófico que traduz um conceito e divulga uma sabedoria, um instrumento que possibilita o amor, o prazer, o paladar, diante desse vários instrumentos e possibilidades que se encaixa o festejo a Oxossi em Itagimirim - Bahia.

Nos relatos orais de cada folião devoto, a fala é a mesma, “o reisado conheci com meus avos é um divertimento, uma paixão; o cortejo ao divino guerreiro que livrou o povo das pestes e a aflições”, as práticas as memórias, o cantar e dançar do movimento dos foliões é tão presente e vivo deste sempre dizendo, “tu és também africano” como descrito no livro sobre arte da África:

“O patrocínio à exposição “Arte da África”, neste contexto, tem por objetivo principal permitir o resgate dos vários aspectos da cultura negra e a sua importância na construção da identidade do povo brasileiro. Somos um país negro na essência e a influência dessa cultura está em toda a parte: no vestuário, na forma de dançar e de cantar, no vocabulário, na culinária, na música, entre tantas outras.” (JUNGE, HUG Pg 11)

No vibrar dos tambores no tocar das gaitas esta arte sagrada e profana se movimentam pelas ruas e ladeiras, singular, pois os tambores e seus sons que dar o compasso para o movimento dos corpos, as folias de Reisado são um modo de vidas populares que desenvolveu características peculiares no extremo sul baiano, nascido dos terreiros de umbanda esta expressão de arte com fundo religioso, relaciona fortemente com o cotidiano dos foliões, estes e estas: cultivadores de plantações, carpinteiros, vaqueiros, ferreiros, pedreiros, lavadeiras, rezadeiras, curandeiros, parteiras, fora do calendário festivo.

No decorrer do ano e fora do calendário festivo os foliões cantadores criam seus próprios instrumentos musicais e domina arte harmônica das gaitas, caixas, bandeiro e bumba, ao caminhar pelas ruas, anualmente e no momento dos festejos, o reisado com seus batuques, cânticos e também danças e com os movimentos corporais realizados por homens e mulheres, festejam em cortejo, descendo e subindo ladeiras em devoção a Oxossi. Relacionando com a cerimônia mais conhecida na África, o Culto à Iyami, é a dança anual das máscaras, Evidenciado pela autora:

Nessa cerimônia, ao som de atabaques e cânticos, os homens paramentados, e executando movimentos femininos com o quadril, saem em procissão pelas ruas da cidade. Desse modo, eles abstêm-se, simbolicamente, de exercer sua masculinidade para divertir, mimar e prestar homenagem às Iyami e, assim, garantir que essa deidade não fique encolerizada e traga tragédias para a comunidade. (LOPES. 2017)

O culto a Oxossi, guardião popular é organizado e desenvolvido por dois centros de umbandas, guiado por mulheres que são líderes espirituais, na cultura ioruba a mulher é vista de diferentes maneiras. “A mulher é vista como mãe, esposa, filha, deusa e até bruxas. (...) também desenvolvem um papel na articulação das econômicas locais (LOPES 2017). Os dois grupos que movimenta independentemente na cidade, desde a década de 60 do século XX. Ascendentes desde saberes e memórias que caminharam das interações e trocas culturas das relações raciais e étnicas de negros e indígenas que povoaram o vale do Jequitinhonha do território Baiano, configuram um movimento cultural de saberes entrelaçados pela resistência e permanência social.

Os mestres e mestras do Reisado compartilham os seus ensinamentos com as crianças, demonstrando a maneira para criar e manusear os instrumentos, os cantos e as danças que são também fundamentais e significantes ao grupo e para perpetuação de seus saberes e fazeres preservando na memória e transmitidos pela oralidade.

Percebendo as relações de ensinamentos e aprendizagem no reisado e relacionado algumas práticas aos povos de África percebemos que os costumes foram ressignificando no decorrer do tempo, na ancestralidade dos povos do Congo e Angola que constituíram grupos étnicos e raciais que foram trazidos para o território baiano. Contudo mesmo no reisado não há certa diferença, pois os homens ou mulheres manuseiam os instrumentos.

O REISADO É A VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA, NEGRA E MIGRANTE.

Fortalecer seus saberes e memórias a partir do lugar que se encontra estas pessoas na sociedade, uma luta antirracista que desperta um olhar crítico para posicionamento das desigualdades sociais, neste sentido é uma possibilidade de romper com conflitos étnicos e raciais no território do extremo sul baiano.

Sendo assim quais as estratégias, defesas e resistências que a população da oralidade teve que desenvolver nesta localidade dominada por esses coronéis seus letramentos e ecologias de saberes que inferiorizava e subalternização esses grupos étnicos e raciais, em nome do enriquecimento de pequenos grupos dominantes, que utilizavam de várias violências e apropriações para perpetuarem no poder.

Esses sentimentos de exclusões e inferioridade são alimentados dentro de diversas instituições que desvalorizarem as práticas culturais de indígenas, negras e da cultura popular, pois não bastam somente ações que encaminhe os brasileiros oriundos dos grupos populares para educação formal onde seus saberes criam teias de submissão, precisamos ampliar as discussões sobre o ensino da história afro-brasileira, indígena e africana, relacionando os saberes científicos e populares na formação das pessoas.

Os elementos do Reisado são compreendidos como uma possibilidade de estudo dos grupos sociais que habitou e habita o extremo sul baiano e que viabiliza os objetivos que nortearam para a aprovação da lei 10.639/03 e 11.645/08, com a inclusão de História da África e Afro-brasileira e Indígena no currículo.

Contudo o que propomos e abordamos são como os fazeres e saberes foram desenvolvidos através das relações étnicas raciais forjadas ou ressignificadas, os modos de vidas constituíram um aspecto determinante para o vale do Jequitinhonha lado baiano a beira mar, cultura e economia fortalecida pelos conhecimentos de vários grupos populares aqui estabelecidos. As identidades ressignificadas sempre estiveram preservadas e presente em cada maneira cotidiana desses povos que habitou e habita o extremo sul baiano, muito mais que força de trabalho escravizada, esses tem o seu legado nesta sociedade.

Este estudo vem fazendo um apontamento e levantamento da dinâmica do movimento cultural dos habitantes neste território que é de grande importância para historiografia da pós-abolição e nascimento da República, assim conforme consta e objetiva o Parecer CNE/CP3/2004, “o direito à igualdade de condições de vida e cidadania”, assim como garantindo “igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso a diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros”.

A religião e o Reisado tornaram-se expressões fundamentais para esses povos, para Janaína de Figueiredo (2017. p 123) “a Umbanda, culto de cunho coletivo, foi concebida pelo autor como um mecanismo ideológico criado pelos negros para se integrarem às novas condições sociais, adaptando e modificando a herança africana”.

Mesmo diante de conflitos e as possibilidades de viver e plantar em terras férteis garantindo uma vida digna, esses grupos buscavam a felicidade e paz interior em suas manifestações de fé, festa e festejo. Suas brincadeiras nas rodas de contradanças a musicalidade e batuque no cantar envolvendo os corpos, fazendo esquecer o árduo do

trabalho forçado nas lavouras. A musicalidade descrita por Salomão Jovino da Silva (2017) como um instrumento que rompe as fronteiras culturais, segundo ele:

“A música, fato sonoro-acústico, acabava transbordando do espaço ritual das matas e terreiros, das senzalas e mocambos e alcançava a Casa Grande. Os sons mais altos dos tambores ressoavam longe e atingiam a cidade, penetrava dissonante na civilidade pretendida e incomodava e acionava os ouvidos das várias intolerâncias”. (SILVA, 2017, pg 150).

A música ela fortalece também uma coletividade, pois como é bonito quando um terno de reisado canta na porta de uma residência, os foliões dizem quando escutam o vibrar do bumba, toques da caixa percussiva, ou chocalhar de um bandeiro além dos sons de gaitas de reisado, ficam maravilhados procurando a direção e lugar de onde parte aquela sonoridade.

O canto nascido do silêncio, das dores e alegrias dos episódios do viver, ou das brincadeiras grupais, tornava-se mantos de rezas em forma de cantoria, alimentando a alma, fortalecendo o corpo de energia para resistir à manutenção de violência dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entretanto ao sinalizar o reisado como movimento da identidade negra que foi construindo entre os conflitos e intercâmbios da memória cultural e também salientando as várias negociações e resistências que os indígenas, negros e migrantes, tiveram com o projeto de dominação do colonizador e com o nascimento da república dos marechais. Permitindo algumas expressões e costumes regionais e populares como as folias de Reisado, saberes que caminharam vivos e pertencentes à cultura e identidade brasileira e que suas influências econômicas, culturais, contribuíram no desenvolvimento social e identitário uma regionalidade pulsante.

Os aspectos e saberes da população do extremo baiano foram aceitos pelo estado vigente da década de 30 do século XX e novamente como um jogo de dominação e vigilâncias das práticas e fazeres dos guardiões populares. Ao povo indígena, negro e migrante foram atribuídos lugares de subalternidade na construção da sociedade. Que os estranharam com suas diferenças culturais com seus modos de vidas. Contudo diante de várias violências históricas a matriz afro-brasileira e indígenas constituiu um grupo base para formação da nação no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. FRAGA, Walter Filho - **Uma história do negro no Brasil.** _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ABREU, Marta. **Cultura popular:** um conceito e várias histórias. In: Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Martha Abreu & Rachel Sohiet (orgs). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BHABHA , Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo horizonte. Editora UFMG. 1998.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva; SILVA, Renato Araújo da. **África em Artes.** São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015.

Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** CONSELHEIROS: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora), Carlos Roberto Jamil Cury, Francisca Novantino Pinto de Ângelo e Marília Ancona-Lopez. Brasília-DF, 10 de março de 2004.

COUTO, Edilece Souza. **Devoções, festas e ritos: algumas considerações.** Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. Maio 2008.

CALBRE, Lia. **Política cultural no Brasil: um histórico.** Pesquisadora Fundação Casa de Rui Barbosa - I INECULT.

DOMENICI, Eloisa. **A pesquisa das danças populares brasileiras:** Questões epistemológicas para as artes cênicas. Cadernos do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade / Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Dança. – n. 23, out. 2009 - Salvador: UFBA/ PPGAC, 2009 –

FIGUEIREDO, Janaína de. IV - **Umbanda e Angola:** caminhos entrecruzados. Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. / - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2017.

GOMES, N.L. **Movimento negro e educação:** resignificando e politizando a raça. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Movimento negro e educação.** Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez 2000 Nº 15

JUNGE, Peter. HUG, Alfons . **Arte da África. Centro cultural Banco do Brasil** - Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo. 2003/2004.

REIS, Edmilson Quirino dos. **A representação do corpo humano na arte Iorubá.** / Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) -- Universidade de São Paulo, 2014.

MATOS, Hebe. ABREU, Marta. **Pelos Caminhos do Jongo e do Caxambu: História, Memória e Patrimônio.** Rio de Janeiro. UFF. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, Outubro 2007: 3-46

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves E. **Aprender, ensinar e relações Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil.** - Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SILVA, Salomão Jovino da. **V- As culturas musicais dos retornados, ou brasileiros da Costa atlântica africana.** Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. / - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2017.

WILLETT, Frank. **Arte Africana.** Originalmente publicado no Reino Unido em 1971, pela Thames & Hudson Ltd. Nova Edição, 2002 – Reimpressão, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Educação e Diversidade cultural.** Cadernos Penesb10/ Discussões sobre o negro na contemporaneidade e suas demandas/ _ Revista do programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira faculdade de educação – UFF. 2010.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social.** Conferência foi transcrita e traduzida por monique augras. A edição é de dora rocha. Estudos históricos, rio de janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina.** Buenos Aires. 2005.